

ESCRITA: DA TEORIA À PRÁTICA
Línguas, Artes e Literaturas



ESCRITA: DA TEORIA À PRÁTICA
Línguas, Artes e Literaturas

Editores

Mônica Cidele da Cruz

Isaías Munis Batista

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Capa

Mandala “Releitura da pintura corporal”, da etnia Paresi, de autoria da artista plástica Judite Malaquias

Diagramação

Feeling Propaganda

Revisão Ortográfica

Gráfica e Editora Sanches Ltda

Conselho Editorial

Adailton Alves da Silva – UNEMAT

Angel Corbera Mori – UNICAMP

Antônio Malheiros – UNEMAT

Carlos Edinei de Oliveira – UNEMAT

Eunice Dias de Paula – SEDUC/CIMI

Jaime José Zitkoski – UFRGS

João Severino Filho – UNEMAT

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira – UNEMAT

Lúcia Helena Alvarez Leite – UFMG

Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT

Maria Aparecida Bergamaschi – UFRGS

Maria Aparecida Rezende – UFMT

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira – UNEMAT

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C957e Cruz, Mônica Cidele da.

Escrita: da teoria à prática / Mônica Cidele da Cruz e Isaías Munis Batista. – Curitiba: Feeling Propaganda, 2022.

27. p. (Línguas, Artes e Literaturas).

ISBN 978-65-81443-25-2

1. Escrita. 2. Textos, Produção. 3. Sociedades Indígenas, Escolas. I. Batista, Isaías Munis. II. Título. III. Título: da teoria à prática.

CDU 81'27(=87)

SUMÁRIO

Apresentação.....	05
Unidade 1: A importância da escrita na escola e nas/para as sociedades indígenas.....	06
Unidade 2: Concepções de escrita.....	10
Unidade 3: As condições de produção.....	14
Unidade 4: Proposta de produção de texto a partir de um tema gerador.....	19
Referências.....	25
Biografia dos Autores.....	26

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) acadêmico(a), seja bem-vindo(a) à 9ª etapa de estudos, via ensino remoto emergencial específico, ofertada pela Faculdade Indígena Intercultural – Unemat, câmpus Renê Barbour de Barra do Bugres – MT.

No Caderno Pedagógico, “Leitura: da teoria à prática”, da 8ª etapa, estudamos sobre o ensino-aprendizagem de língua portuguesa com enfoque na leitura, começando pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Propusemos uma reflexão sobre a importância da leitura para a produção escrita e para a formação de leitores e leitoras.

Neste caderno, estudaremos sobre as concepções de escrita numa perspectiva interacionista, por acreditar que o ensino-aprendizagem da produção de texto só se efetiva quando é oportunizado aos alunos e alunas interagirem pela linguagem em situações significativas de ensino.

O caderno está organizado em quatro unidades:

A **Unidade 1** se inicia abordando sobre a importância da escrita na escola e nas/para as sociedades indígenas.

A **Unidade 2** traz reflexões acerca das concepções de escrita que podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da produção textual na escola.

A **Unidade 3** trata das condições de produção, como elementos importantes no processo de produção de texto, numa perspectiva dialógica.

E, por fim, a **Unidade 4**, que traz uma proposta de produção de texto, a partir de um tema gerador, com a finalidade de sugerir, com base nessa atividade, a elaboração de uma proposta de produção de texto, dentro da perspectiva estudada até aqui.

Assim, desejamos que este caderno pedagógico possa servir como ponto de partida para novas reflexões sobre o trabalho com a produção de textos na sala de aula da escola de sua aldeia/comunidade.

Bons estudos!

UNIDADE 1

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NA ESCOLA E NAS/PARA AS SOCIEDADES INDÍGENAS

Para darmos início às questões que propomos aqui como tema deste Caderno Pedagógico, primeiramente, queremos saber de você, docente em formação, **qual é a importância da escrita na sua vida, na vida de sua comunidade?**

Nós consideramos a escrita como um dos eixos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na escola, portanto, um assunto extremamente necessário que deve ser discutido e trabalhado na formação de professores e professoras, pois está diretamente ligado às práticas pedagógicas de sala de aula. E nesse cenário, é preciso pensar a escrita, levando em conta sua real necessidade, ou seja, com função social e comunicativa, de acordo com a realidade na qual os alunos e alunas estão inseridos(as).

Diante disso, o que propomos aqui são reflexões e estudo sobre a produção de textos voltados para professores e professoras indígenas em formação, com foco no ensino-aprendizagem de língua portuguesa nas/para as escolas indígenas.

Sabemos que para os povos indígenas, o aprendizado da escrita em português tem finalidades claras e bem definidas, como por exemplo, a

defesa de direitos (à saúde, à educação, às práticas culturais próprias), o acesso aos conhecimentos da sociedade não indígena, a luta pelo território e sua defesa, a defesa do meio ambiente etc. Portanto, é nessa direção que se encaminham nossas reflexões.

Nesse sentido, não poderíamos deixar de trazer aqui o que diz o RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas sobre a escrita. Vejamos, então:

O português escrito exerce, para os que fazem uso dele, várias funções, tem muitos usos práticos: as pessoas, no seu dia a dia, elaboram listas para fazer trocas comerciais, correspondem-se por cartas etc. A escrita em geral serve também para registrar a história, a literatura, as crenças religiosas, o conhecimento de um povo. Ela é, além disso, um espaço importante de discussão e de debate de assuntos polêmicos. No Brasil de hoje, por exemplo, são muitos os textos escritos que discutem temas como a ecologia, o direito à terra, o papel social da mulher, os direitos das minorias, a qualidade e o ensino oferecido aos cidadãos, e assim por diante. Nesse sentido, a escrita em português é o espaço de uma batalha diária de opiniões, de uma luta entre os que defendem determinados pontos de vista e aqueles que se opõem a essas opiniões e defendem pontos de vista diferentes. Nessa batalha, nem sempre convencem os melhores argumentos. Os vencedores, muitas vezes, são aqueles que conseguem convencer seus leitores porque sabem usar bem a linguagem escrita. Vence quem sabe convencer melhor por escrito e não necessariamente quem está certo. Por esse motivo, não basta a escola ter como objetivo simplesmente alfabetizar seus alunos: ela tem o dever de criar condições para que eles aprendam a escrever textos adequados às suas intenções e aos contextos em que serão lidos e utilizados. O aprendizado da escrita em português tem para os povos indígenas funções muito claras: defesa e possibilidade de exercerem sua cidadania, e acesso a conhecimentos de outras sociedades (BRASIL, 1998, p. 126).

E a escola, nesse contexto, tem um papel fundamental na condução do ensino e aprendizagem da escrita em sala de aula. E é em torno das atividades de leitura e produção de textos que é preciso planejar e organizar todo o trabalho pedagógico.

Diante disso, você, professor e professora, ao organizar suas atividades pedagógicas, considere que a escrita, diferente da oralidade, requer maior elaboração, pois ao escrever, não temos presente(s) nosso(s) interlocutor(es). Por isso, um(a) bom(a) escritor(a) tem que planejar sua escrita, utilizar as estratégias discursivas de acordo com a situação comunicativa, organizar o texto de forma cuidadosa. Para isso, é preciso, ainda, **saber o que vai escrever** (um bilhete, um e-mail, um recado, uma lista de compras, um requerimento, um ofício?); **para quem vai escrever, quem vai ler o texto** (um amigo, uma amiga, um familiar, uma autoridade?); **sobre o que vai escrever** (qual é o assunto do texto?); e **qual é a finalidade do texto** (é para informar sobre alguma coisa, convencer alguém, fazer um pedido, dar uma ordem, fazer rir?)

E por tudo isso, o RCNEI reforça o seguinte:

Reconhecer o papel importante da figura do leitor no momento da produção dos nossos textos significa, em termos práticos, que devemos planejar os textos, do ponto de vista de sua forma e de seu conteúdo; que devemos elaborar, quando for o caso, esquemas, rascunhos, versões iniciais que deverão ser reelaboradas; que devemos ler os nossos próprios textos com o objetivo de fazer as correções e revisões que possam nos parecer necessárias (BRASIL, 1998, p. 138-139).

Assim, o processo de produção de um texto escrito consiste em planejar, escrever, revisar e reescrever. E nesse contexto de produção, o(a) professor(a) precisa ser mediador(a), orientando sobre a finalidade do texto, para quem será escrito, que gênero textual será produzido.

PARA REFLETIR...

Gêneros textuais que mais circulam na escola e na aldeia

Sabe-se que nós, seres humanos, em todos os grupos sociais comunicamos uns com os outros por meio de textos que apresentam padrões sociocomunicativos. E cada gênero textual apresenta a sua composição funcional e que ocorre de acordo com a realidade social utilizada. Na Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio e na aldeia Vila Nova Barbecho, por meio de observação às convivências cotidianas, foi possível observar

que há uma variação no uso dos gêneros textuais (orais e escritos) pelas pessoas, os quais podem ser observados no decorrer do texto. Essa variação na utilização dos gêneros textuais na aldeia e na escola é possível identificar por meio de observação diária no decorrer das aulas e na convivência no dia a dia das pessoas, principalmente, com os alunos. De acordo com a faixa etária, são utilizados predominantemente apenas alguns gêneros textuais, conforme a realidade e possibilidade de cada indivíduo. Entre os anciãos e as crianças é mais comum o uso da linguagem oral por meio de conversa no dia a dia, uma vez que eles não têm domínio da escrita e, conseqüentemente, a leitura. Isso não significa que não manuseiam as tecnologias. Os adultos e alguns anciãos possuem telefones celulares e apresentam certo domínio sobre eles, utilizando o telefonema e envio de áudios em conversas online. Entre os jovens e adolescentes, vivendo hoje na realidade das tecnologias, é mais comum a comunicação por meio de conversa, trocas de mensagens, áudios e telefonemas. Tendo em vista que eles têm acesso à internet, compartilham fotos, vídeos e memes no Facebook, se comunicam com familiares e amigos virtuais, dentro e fora da aldeia, por meio de mensagens de texto e áudios, em conversas particulares ou grupos de WhatsApp. Nesse caso, predomina a utilização da linguagem escrita, oral e multimodal. Já com as pessoas adultas mais jovens, há uma variação maior, pois além da linguagem oral, como conversas e reuniões, utilizam frequentemente dos diversos gêneros textuais, como telefonemas, e-mails, notícias, boletos e reportagens que circulam nas mídias e redes digitais. Também em momentos religiosos são comuns as orações, rezas, catecismo. Outra situação que embora tem menor circulação na aldeia em relação aos outros gêneros textuais, mas que também é realidade, são a receita médica, a bula de remédio, nota de compra e alguns casos da monografia de acadêmicos da aldeia. Na escola, a utilização da linguagem também é aplicada de várias formas. Nos anos iniciais, é muito comum o uso de cartazes na produção de atividades com desenhos, palavras, pequenos textos escritos, principalmente nas aulas de língua materna. No entanto, a linguagem predominante no decorrer das aulas é a oralidade. Já nas demais turmas, como ensino fundamental dos anos finais e no ensino médio, utiliza-se a oralidade em conversas, aulas expositivas, aulas expositivas dialogadas, produção de relatórios, charges, também utiliza de desenhos, todavia em menor expressão. (Autor: EDMUNDO NICOLAU CHUÊ MUQUISSAI – Este texto faz parte do trabalho “Gênero e Tipologia textual, da disciplina “Leitura e Produção de Textos II).

E na sua comunidade, quais são os gêneros textuais que mais circulam?

UNIDADE 2

CONCEPÇÕES DE ESCRITA

Nesta unidade, iremos estudar sobre as concepções de escrita, com base no livro “Ler e escrever: estratégias de produção textual”, das autoras Koch e Elias (2009).

Figura 1: O acadêmico Caimi Waiassé estudando sobre as Concepções de escrita



Fonte: Arquivo da FAINDI (Foto tirada por Marcelo Munduruku)

Como **já discutimos anteriormente, a escrita faz parte da vida de cada um de nós**, e a todo o momento nos é solicitado escrever textos, como e-mail, requerimentos, ofícios, receitas, relatórios, bilhetes, listas de compras, enfim, podemos nos deparar com uma infinidade de textos no nosso dia a dia, o que chamamos de gêneros textuais.

Mas, afinal de contas, o que é a escrita? Nós, professores e professoras, principalmente da área de linguagem, temos uma grande responsabilidade em ensinar nossos alunos e alunas a produzirem textos escritos em sala de aula. E o modo como concebemos a escrita está associado à maneira como entendemos a linguagem.

Koch e Elias (2009) destacam três concepções de escrita:

Escrita com foco na língua: é preciso dominar as regras gramaticais

da língua, ter um bom vocabulário. Subjacente a essa visão de escrita, encontra-se uma concepção de **linguagem expressão do pensamento**, como um sistema pronto, cabendo ao escritor, sujeito determinado pelo sistema, apropriar-se dele e de suas regras. Na concepção **foco na língua**, o aluno está preocupado em empregar corretamente as regras gramaticais, e o professor em corrigir os erros de grafia presentes no texto.

Escrita com foco no escritor: escrever é expressar o pensamento no papel. O texto é visto como resultado do pensamento do escritor. Essa concepção de escrita não leva em conta as experiências de mundo e os conhecimentos do leitor. Essa concepção de escrita está associada à **linguagem enquanto instrumento de comunicação** do autor, sendo este o senhor absoluto de seus atos e seu dizer.

Escrita com foco na interação: o produtor de texto, na hora de escrever, pensa no seu interlocutor, ou seja, para quem vai escrever, o que vai escrever para ele, como vai escrever. A escrita com foco na interação é considerada como produção textual e requer de quem escreve a ativação de conhecimentos prévios e a mobilização de estratégias textuais e discursivas durante a escrita.

No momento de escrever o texto, o autor sabe o que vai escrever, para quem vai escrever, por que vai escrever, como vai escrever o texto. **É uma concepção de escrita que compreende a linguagem como forma de interação**, pois o sentido do texto se constrói na interação/diálogo entre os interlocutores, vistos como sujeitos ativos. **É um** processo de escrita que exige de quem escreve recorrer a conhecimentos armazenados na memória, adquiridos ao longo de nossa vida, como veremos a seguir.

Escrita e ativação de conhecimentos

Para se produzir um bom texto é necessário recorrer a alguns conhecimentos que temos armazenados na memória, conhecimentos relacionados à língua, a outros textos, às práticas sociointeracionais (conhecimento de mundo, experiências de vida).

Koch e Elias (2009) apontam alguns tipos de conhecimentos que são ativados no processo de escrita:

O **conhecimento linguístico**, que se refere ao conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico da língua. Esse conhecimento é responsável pela organização linguística do texto, as questões ortográficas, o uso adequado dos elementos de coesão, a escolha do léxico, pontuação, concordância, dentre outros aspectos que contribuem para o sentido do texto e

que atenda sua finalidade comunicativa.

O **conhecimento enciclopédico** diz respeito aos conhecimentos sobre as coisas do mundo, é adquirido em experiências vivenciadas e armazenado na memória, construídos a partir do que ouvimos falar, do que lemos.

O **conhecimento de textos** refere-se ao conhecimento sobre as práticas comunicativas configuradas nos gêneros textuais, considerando os elementos composicionais e os aspectos de conteúdo, função e suporte de veiculação.

O **conhecimento interacional** refere-se às formas de interação por meio da linguagem. São os conhecimentos que o escritor possui sobre “práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas” (KOCH e ELIAS, 2009, p. 44). Portanto, é com base nos conhecimentos interacionais que o escritor atende às condições de produção exigidas no processo da escrita, de acordo com a situação comunicativa.

ATIVIDADE

1. A partir da leitura dessa unidade, responda: por que é importante ativar conhecimentos para se produzir textos? E quais são esses conhecimentos?

2. Relacione:

- (1) Escrita com foco na língua
- (2) Escrita com foco no escritor
- (3) Escrita com foco na interação

() Ao escrever, não se leva em consideração as experiências e os conhecimentos do leitor, somente é importante o pensamento de quem escreve o texto.

() O texto é visto como processo de diálogo entre escritor(a) e interlocutor(a), em que vários conhecimentos são ativados durante a escrita.

() Exige o domínio das regras gramaticais de língua e **ótimo vocabulário**.

UNIDADE 3

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Para se desenvolver um ensino-aprendizagem significativo de produção de texto é preciso trabalhar a linguagem dentro de um espaço em que seja possibilitada a interação entre os sujeitos. E essa interação só é possível quando se oportuniza ao aluno estabelecer uma relação dialógica com o interlocutor num determinado contexto de produção. A interação inicia-se quando a palavra é dirigida a um(a) interlocutor(a) real distinto(a), conforme o grupo social a que pertence, aos laços sociais e outras circunstâncias a que está exposto(a).

Geraldi (1997) apresenta algumas condições importantes para se produzir textos, mencionadas na unidade anterior, as quais retomaremos a seguir.

Ao produzir um texto escrito, é preciso, então, levar em conta as condições propostas pelo(a) autor(a). Para tanto, é preciso que o(a) professor(a) permita ao(à) aluno(a) que se constitua como sujeito de suas produções, de seus discursos, e que realmente produza seus textos dentro de uma situação real de comunicação, sabendo para quem dizer, e, sobretudo, o que dizer, utilizando, como destaca Geraldi (1997), estratégias adequadas para a escrita do texto.

Nessa perspectiva, são levadas em consideração as funções da escrita, as variações linguísticas, a finalidade e a imagem do(a) interlocutor(a), que pode ser real ou virtual. Sendo assim, a escrita deixa de ser um mero exercício escolar para adquirir um caráter dinâmico e processual, no qual o(a) estudante se constitua como um sujeito ativo, e passe a estabelecer uma real interação com seu/sua interlocutor(a).

Com base em Geraldi (1997), apresentamos a seguir as condições de produção necessárias para a escrita de um texto.

Para se produzir um texto significativo numa situação real de escrita, o escritor precisa ter em mente **“o que” escrever**, isto é, **saber que assunto irá tratar**. Isso significa que não é possível escrever a partir do nada, sem ter algo para dizer. “É a partir do contexto em que o aluno está inserido, que ele pode se apropriar da linguagem, em forma de texto escrito, e dizer algo que julga importante” (CRUZ, 2005, p. 27).

Para isso, o(a) professor(a) pode criar situações significativas de escrita na escola, pois a partir do momento que o(a) aluno(a) perceber que tem algo significativo para dizer ao seu interlocutor ou interlocutora, a escrita fará sentido para ele(a).

Durante a escrita do texto, é importante que o professor ou a professora, enquanto mediador(a) desse processo, amplie o conhecimento de mundo dos seus alunos e alunas, ativando seus conhecimentos prévios¹, que são fundamentais para a produção de textos. Para se produzir um texto é necessário conhecer sobre o fato ou assunto do qual vai tratar. E a mediação do professor ou da professora é fundamental para ampliar o que o aluno e a aluna têm a dizer.

Outra condição fundamental nesse processo é o **para que escrever**, pois ter um motivo significativo para escrever é uma das condições fundamentais para se produzir um texto. Geraldi (1997) explica que o estudante deve encontrar motivação interna para escrever, caso contrário, haverá apenas uma tarefa imposta a se cumprir. Essa motivação pode ser despertada quando as razões que tem para escrever estiverem relacionadas a situações reais de comunicação, ao uso da escrita como prática social. O texto do(a) aluno(a) deve ter uma função social, e isso se faz por meio de propostas concretas de produção que deixam claras as finalidades de que se vai escrever.

Ao(À) aluno(a) deve ser oportunizado produzir o seu texto, com o objetivo de informar, influenciar, argumentar, divertir, denunciar, expor opiniões/ideias, exprimir emoções, discutir, intervir, enfim, provocar no(a) leitor(a) reações e reflexões.

Nesse sentido, todo processo de comunicação, seja na modalidade oral ou escrita, pressupõe um(a) interlocutor(a) ou interlocutores(as). Assim, é preciso levar em consideração, no momento da escrita, **para quem se escreve o texto**. Essa é também uma condição de produção necessária, porque ao pensar no(a) interlocutor(a) é que o(a) aluno(a) seleciona os recursos linguísticos de que necessita para escrever o texto. E sem interlocutor(a) não há texto, pois é ele/ela quem determina o conteúdo e o objetivo do texto.

Outra condição importante para a produção de texto é o **como escrever**, que, de acordo com Geraldi (1997), são as **escolhas das estratégias textuais e discursivas**. As estratégias textuais podem ser definidas como “gêneros textuais” (bilhete, carta, convite, receita, conto, poesia, mito, cantiga, anúncio, histórias em quadrinhos, rezas, listas de compras, anúncio, entre outros gêneros textuais). As estratégias discursivas dizem respeito aos recursos linguísticos utilizados no texto e serão empregados em função do assunto, da finalidade do texto e para quem vai escrever.

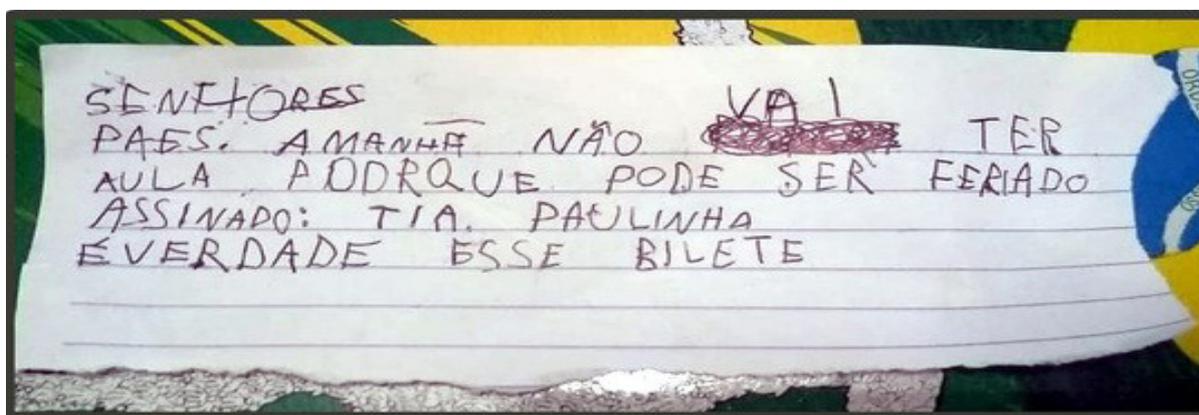
Portanto, se as estratégias são selecionadas em função do conteúdo, da finalidade e do interlocutor, isso significa que ao interagirmos por meio

1 Ver assunto no Caderno Pedagógico “Leitura: teoria e prática”, da 8ª etapa.

da linguagem escrita, organizamos o nosso discurso levando em conta os conhecimentos que o nosso interlocutor possui sobre o assunto a ser abordado, pois é em função do interlocutor que vou utilizar as estratégias adequadas.

A condição “O que dizer?” aborda o assunto, o tema sobre o qual o aluno irá discutir em seu texto. A segunda condição, “Qual a razão para dizer?”, trata da finalidade da produção, essa etapa faz com que o aluno se sinta motivado a executar seu trabalho. A ausência da finalidade permite que a produção seja vista como mais uma tarefa que deve ser cumprida. Sobre esse aspecto, Pereira (2004, p. 103) menciona que “se o estudante não consegue perceber que há boas razões para escrever, fatalmente se sentirá mais inibido e desmotivado”.

Figura 2: “É verdade esse Bilete”



Fonte: Internet

O texto acima nos oferece algumas pistas deixadas pelo autor, como o tipo de letra e o conteúdo apresentado. Podemos dizer que é um texto que se insere numa concepção de escrita como forma de interação e que contempla as condições de produção enquanto escrita como processo.

1. Ter o que dizer;
2. Para que escrever;
3. Para quem escrever;
4. Como escrever (linguagem e gênero textual).

ATIVIDADE

Para enfrentar as ameaças da pandemia da Covid-19, a 16ª edição do Acampamento Terra Livre (ATL) acontece virtualmente entre os dias 27 e 30 de abril.

O Acampamento Terra Livre (ATL) é o evento em que povos indígenas de todo o país se reúnem para fortalecer a luta e a resistência do movimento indígena. Este ano, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) convoca uma mobilização virtual para realizar a 16ª edição do ATL. Diante da nova ameaça causada pela pandemia da Covid-19, do crescimento das invasões nos territórios indígenas, do aumento de assassinatos e criminalização de lideranças, o formato virtual do encontro pretende alertar sobre a real possibilidade de um novo genocídio e denuncia o descaso do Governo Bolsonaro em garantir a proteção de nossos povos ancestrais.

A programação do evento teve início hoje, 27, às 9h, e, dentre as transmissões, estão encontros, reuniões, lives, pajelança, cantos, danças tradicionais, mostra de filmes indígenas, debates entre mulheres de diferentes etnias, além de mesas com grandes lideranças, indigenistas, antropólogos e outras interações que conectam povos de todo o Brasil no ambiente online.

Nos painéis de discussões, os temas variam entre “Saúde indígena e o racismo institucional”, “Os povos indígenas em tempos de Coronavírus”, “Agenda LGBTQ + Indígenas”, “Enfrentamento às mudanças climáticas, aumento do desmatamento e o impacto no pós-pandemia”, “Direitos Indígenas, violações e autoritarismos”, “Os processos migratórios dos povos indígenas no Acre e a Covid-19”, “Histórias sobre as primeiras retomadas no sul do Brasil”, “Mesa internacional”, entre muitos outros.

Em tempos em que o isolamento social incentiva as criminosas invasões de madeireiros, garimpeiros, missionários e grileiros nas Terras Indígenas, quando a violência e os ataques aos territórios só aumentam e o governo federal acintosamente desarticula instituições importantes na defesa dos povos, como IBAMA e FUNAI; a APIB e a MNI (Mobilização Nacional Indígena) convocam a sociedade brasileira para participar do ATL 2020, que representa a luta e a resistência dos indígenas do Brasil.

“O alerta está dado, a luta indígena é urgente e a sociedade

precisa apoiar essa causa, que é de todos nós”, convida Sônia Guajajara, coordenadora da APIB.

O evento é organizado pela APIB e suas organizações de base junto à Mobilização Nacional Indígena (MNI) – e as organizações que a compõem.

O ISPN, que está sempre ao lado da causa indígena, vem apoiando esse importante momento para os povos originários e para a população brasileira.

(Por equipe da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB))

1. Com base na leitura do texto acima, responda:

a) Quem escreve?

b) Para quem escreve?

c) Com que finalidade o texto foi escrito?

d) Onde? Quando? Como foi escrito (que estratégias textuais foram empregadas (linguagem e gênero textual)?

UNIDADE 4

PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO A PARTIR DE UM TEMA GERADOR

Nesta unidade, trazemos uma proposta de produção de texto: gênero textual entrevista, desenvolvida com você, acadêmico e acadêmica, juntamente com alunos e alunas da escola da aldeia Mÿky, durante a etapa intermediária, realizada em 2019. Também participaram desta atividade professores e professoras da escola e anciãos.

A finalidade desta atividade é provocar uma reflexão, a partir do que estudamos até aqui, para que, em seguida, você elabore uma proposta de produção de texto, com o gênero textual que escolher.

Tema Gerador: Meio Ambiente: Queimadas

Componente Curricular: Língua Portuguesa/Língua Materna

Conteúdos:

Entrevista;

Discurso Direto e Indireto;

Tempos Verbais

Metodologia

Primeiro momento: conversar, inicialmente, com os alunos para apresentação dos professores e, em seguida, explicar sobre o tema gerador e os objetivos da aula, a partir de uma notícia sobre queimadas em Terras indígenas, publicada nas redes sociais. Explicação sobre gênero textual a ser trabalhado. (Objetivo da entrevista, espaço de circulação da entrevista, a quem se destina, estratégia discursiva do texto – qual a linguagem mais adequada para uma entrevista).

Vamos à leitura para ativar nossos conhecimentos sobre o tema...

TERRA INDÍGENA MENKU – MT

O fogo quase destruiu por completo as casas da aldeia Japuira do povo Mÿky, na Terra Indígena Menku, em Brasnorte, Mato Grosso, na última sexta (30). Desde o início de agosto, focos de incêndio ameaçam o entorno da área indígena. [...] um incêndio de cem hectares ainda consome a terra

dos Mÿky sem previsão de término. Segundo o Programa Queimadas, do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), há ao menos 40 terras indígenas afetadas pelos focos de incêndio desde janeiro. Uma das hipóteses para a origem do fogo é que ele venha de fontes externas, como fazendas, estradas e áreas abertas por invasores.

Os cortes, neste ano, de 38% (R\$ 17,5 milhões) das verbas para o Prevfogo, programa de prevenção às queimadas do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), reduziram drasticamente as brigadas em terras indígenas.

Os dados do INPE mostram que as terras indígenas estariam sendo afetadas pelos incêndios vizinhos – mais de 60% dos focos estão em propriedades privadas. O aumento das queimadas em 2019 teria raízes no desmatamento da Amazônia, segundo Ane Alencar, coordenadora do monitoramento e uso da terra no Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam).

Entre o povo Xavante, no Leste de Mato Grosso, há mais de 46 focos apenas na TI Areões, em Nova Nazaré. O Ministério Público Federal de Barra do Garças abriu um inquérito para investigar a origem das queimadas que já consumiram 219 mil hectares da terra indígena. Uma rodovia federal no meio da aldeia Marãiwatsédé é um dos principais propagadores de incêndios na região. “Já pedimos muitas vezes para o governo fazer o desvio, mas ninguém muda isso”, diz o cacique Damião Xavante. O povo Xavante enfrenta mais de 123 focos em seus territórios.

Segundo momento: visitar, nas imediações da comunidade, o local onde houve uma queimada, para observar e analisar os impactos ambientais, sociais e culturais causados. Neste momento, o ancião estará presente para falar sobre queimada. Haverá, também, a troca de experiências interculturais, ocasião em que cada professor falará de como é essa prática tradicional em sua comunidade.

Terceiro momento: apresentar aos alunos o gênero textual entrevista. Explicar a composição estrutural e linguística do texto: roteiro, tema, local e horário de entrevista e número de perguntas da entrevista.

Quarto momento: produção de texto: a entrevista.

Produção escrita: elaboração do roteiro da entrevista. Observação e aplicação dos recursos linguísticos dos textos. Discutir com os alunos sobre as perguntas a serem formuladas ao entrevistado (ancião).

Produção oral: realização da entrevista; organização dos alunos para fazer entrevista; distribuição das perguntas do roteiro para os alunos; entrevistar o ancião.

Produção final: produção escrita da entrevista e a edição do vídeo. Para elaboração do vídeo, teremos a orientação do Typju (especialista em filmagens e edição de vídeos).

Socialização: apresentação final dos trabalhos para a escola e comunidade.

A partir da proposta acima, resultou a seguinte entrevista:

ENTREVISTA COM OS SENHORES JANÃXI MỸKY E XINŨXI MỸKY

JANÃXI MỸKY tem 65 anos, 14 filhos e mora na aldeia Japuira, município de Brasnorte – MT. Todos os assuntos da comunidade são tratados, primeiramente, com o senhor Janãxi, que é o cacique tradicional do povo. Ele é um grande sábio, conhecedor da cultura Mỹky, faz roça tradicional, faz artesanatos, como colar, anel, flechas e xire (cesto tradicional muito usado por homens e mulheres, jovens e crianças). Ele é muito respeitado pelo povo.

XINŨXI MỸKY tem 64 anos de idade, tem dois filhos e mora na aldeia Japuira, município de Brasnorte – MT. O senhor Xinũxi é um grande pescador e caçador. Trabalha na roça tradicional, plantando milho, vários tipos de feijão, cará-roxo, mandioca, batata-doce e outros alimentos. É um grande conhecedor das histórias do povo e gosta muito de fazer artesanato.

(Os entrevistados conversaram com os alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Indígena Xinui Mỹky sobre meio ambiente e queimadas.)

Njäsyrū: Quais cuidados podem ser adotados para que a queimada não seja prejudicial ao meio ambiente?

*Xinũxi: Irahi itanekareju waanamãpi.
(Nós temos que cuidar para não queimar a mata, temos que fazer aceiro e depois cuidar e preservar.)*

Atuu: Por que é importante fazer a queimada antes do plantio da roça?

*Xinũxi: Tynykja mehy tynykjenamapi wapai.
(Primeira chuva é boa para plantação, por isso são plantadas as plantas.)*

Takarauku: Em que período certo pode ser feita a queimada da roça, para ser realizado o plantio?

*Xinũxi: Muhu ximjanuku kjapyjunjamã tynynamãpi mehy tynykjenemju otjai.
(A época de queimada é no mês de setembro, observar uma fruta chamada piúva e também através da astronomia indígena.)*

Kajowy: Quais os impactos ambientais e sociais a queimada não planejada pode causar?

*Xinũxi: Jãi metynarakikja amahy atjasotuoni.
(A queimada destrói o meio ambiente. Se tiver muita queimada, a floresta pode virar deserto e prejudica a espiritualidade, por motivo de cada árvore ter seu espírito.)*

Kamãky: Como foi o surgimento do fogo e quando começou essa prática tradicional de queimada entre o povo Myky?

*Xinũxi: Kanoi axany johu kanokapy tsyskanamapi.
(O surgimento do fogo, para o povo Mÿky, foi através do urucum, que eles sobreviviam para assar carnes e peixes e outros alimentos do povo.)*

Kapyxi: Havia outros tipos de animais em nosso território antigamente?

*Janãxi: Mokoowy japai jepty,i mãmjuu ,nãjamã akjepusomy.
(Havia um tipo de animal chamado mamjuu aqui na região do cerrado e que hoje não existe mais.)*

Araí: Havia outros tipos de remédios tradicionais em nosso território que não encontramos mais?

*Janãxi: Pixopyri awapjuhu atjanãkje,y kawata paupakje,y xiwapiwy.
(Neste território tem muito remédio tradicional do povo Mỹky, chamado awakjuhu, que serve para leishmaniose, remédio para banhar as crianças, chamado kjawata atanakje.)*

Janãxi: Como antigamente os Mỹky tocavam fogo na roça?

*Janãxi: Juutywykikjakjehi irematari maata itjaky.
(Antigamente os Mỹky tocavam fogo na roça, meio-dia, através da observação do vento para não alastrar para a mata.)*

Njawayruku. Antigamente havia mais alimentos tradicionais do povo Mỹky? Quais eram esses alimentos?

*Janãxi: Onaa Nakata onaa kyty mojonã pajari kuratu my,y kuwytakahy.
(Atualmente tem muito alimento tradicional do povo Mỹky, cará-roxo, cará-branco, batata-doce, araruta, milho, mandioca, amendoim, feijão-fava, feijão-costela, cabaça, algodão, mandioca de chicha.)*

Aldeia Japuúra, 24 de outubro de 2019.

Depois de ler e refletir sobre a atividade de escrita apresentada acima e elaborada também por você, sugerimos a proposta a seguir:

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1. Elabore uma proposta prática de produção de texto para uma turma dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), de preferência uma turma na qual você é professor(a). Escolha um gênero textual que circula no contexto social no qual seus(suas) alunos(as) estão inseridos(as). A partir dessa escolha, organize uma proposta de escrita com base nas condições de produção estudadas até aqui.

Bons estudos para você!!!!

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília-DF, 1998b.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Terezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita – O que está em jogo?** Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

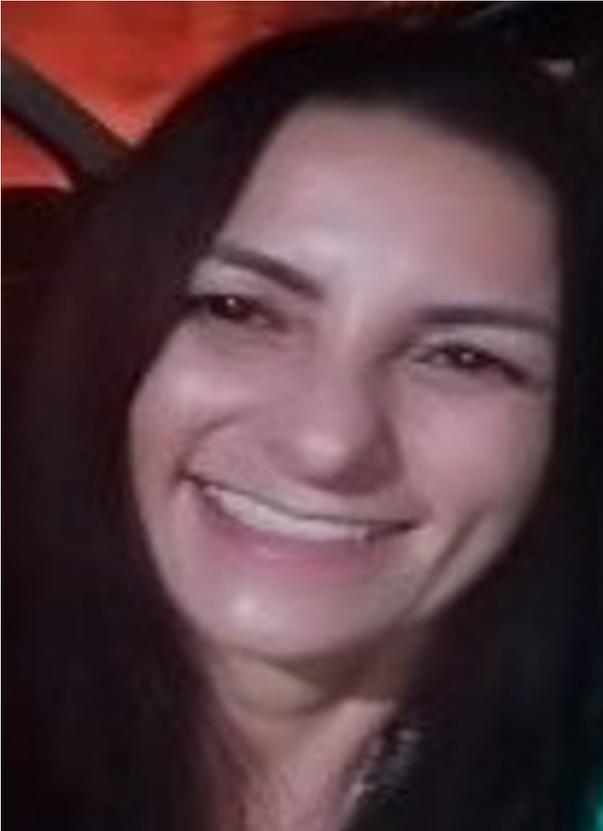
FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (org.). **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 54-63.

GERALDI, João W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MENEGASSI, R. J. Professor e Escrita: A Construção de Comandos de Produção de Textos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, vol. 42, p. 55-79, jul/dez. 2003.

BIOGRAFIA DA AUTORA E DO AUTOR



Mônica Cidele da Cruz

Mônica Cidele da Cruz é professora de Língua Portuguesa da Unemat e doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. É docente da Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI), campus de Barra do Bugres, professora permanente dos programas de Pós-Graduação PPGL (Linguística) e do PPGEII (Mestrado em Ensino em Contexto Intercultural Indígena). Coordena o projeto de pesquisa *Aspectos fonéticos e fonológicos da língua nambikwara: subgrupos Mamaindê, Negarotê. Kithaulu e Wakalitesu* (CNPQ). Desde 2019, é Diretora da Faculdade Indígena Intercultural.

E-mail: monicacruz@unemat.br



Isaías Munis Batista

Isaías Munis Batista é docente de Língua Portuguesa da Unemat, mestre em Letras, doutorando em Linguística (PPGL/Unemat) e Coordenador do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Unemat/FAINDI – Turma 2006/2).

E-mail: isaiasmunis@unemat.br

SEDUC
SECRETARIA DE
ESTADO DE EDUCAÇÃO
ESPORTE E LAZER



GOVERNO DE
**MATO
GROSSO**

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

